

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



CRISE ESTRUTURAL, MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL, DEPENDÊNCIA E O NOVO PADRÃO EXPORTADOR DE ESPECIALIZAÇÃO PRODUTIVA NA AMÉRICA LATINA.

Natan dos Santos Rodrigues Júnior¹

Resumo: O presente artigo analisa a emergência, a partir dos anos de 1980, do novo padrão de reprodução do capital na América Latina, denominado, por Jaime Osório, como exportador de especialização produtiva. Este novo padrão se consolida na região no contexto de crise estrutural e mundialização do capital, e é marcado pelo retorno a produções seletivas, seja de bens secundários e/ou primários, pelo reposicionamento de setores produtivos e pela precarização e superexploração da força de trabalho, nos marcos da reestruturação produtiva e da acumulação “flexível”. Tem-se o regresso de economias voltadas para a exportação, marcadas por importante redução do mercado interno e grande dependência dos investimentos externos diretos (IED), retraídos pela crise do sistema, em 2008, debilitando, fortemente, os países latino-americanos.

Palavras-chave: Mundialização; dependência; padrão de reprodução do capital.

1. Introdução

O sociólogo mexicano Jaime Osório, a partir das indicações de Karl Marx e de Ruy Mauro Marini, dá grande impulso à Teoria Marxista da Dependência (TMD), ao dar uma fundamentação teórica à noção de *padrão de reprodução do capital*, bem como sistematizar um método para sua análise.

Osório (2012a) nos afirma que o marxismo opera com diferentes níveis de análise, uns mais abstratos e outros mais concretos, mas relacionados a partir da perspectiva da totalidade. Segundo o autor:

O maior grau de abstração entre esses níveis de análise refere-se à sua capacidade de apreender relações sociais e processos que fundamentam a realidade social, para o que é necessário deixar de lado certos aspectos do movimento histórico a fim de compreender sua essência. Assim, a maior abstração é fortemente histórica, na

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará - UFC. Bolsista do CNPq. Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Membro do Centro de Estudos do Trabalho e Ontologia do Ser Social/UECE e da Rede Universitária de Pesquisadores sobre a América Latina/UFC. E-mail: natan.srj@gmail.com

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



medida em que aponta a essência daquelas relações e processos. Em níveis de menor abstração, tais relações e processos vão se tornando mais complexos e passam a apresentar novas características históricas, porque sua essência se expressa sob novas e diversas formas e particularidades. [...] Quanto maior a concretude, mais variada se torna a realidade e, devido à fetichização dominante, com uma elevada capacidade de ocultar as relações sociais que a constituem (2012a, p. 38).

Dessa forma, conceitos como modo de produção, modo de produção capitalista, sistema mundial, formação econômico-social e conjuntura foram elaborados como parte de um mesmo *corpus* teórico marxista.

A noção de *padrão de reprodução do capital*, segundo Osório (2012a), vem preencher uma lacuna teórica, ao constituir-se como uma categoria de mediação que possibilite o trânsito entre diferentes níveis de análise, particularmente entre o conceito de *sistema mundial capitalista* (mais abstrato) e o de *formação econômico-social* (mais concreto). Nas palavras do autor, esta noção surge:

[...] para dar conta das *formas como o capital se reproduz em períodos históricos específicos e em espaços geoterritoriais determinados*, tanto no centro como na semiperiferia e na periferia, ou em regiões no interior de cada um deles, considerando as características de sua metamorfose na passagem pelas esferas da produção e da circulação (como dinheiro, meios de produção, força de trabalho, novas mercadorias, dinheiro incrementado), *integrando o processo de valorização* (incremento do valor e do dinheiro investido) *e sua encarnação em valores de uso específicos* (calças, rádios, celulares, tanques de guerra), assim como as *contradições* que esses processos geram (OSÓRIO, 2012a, p. 40-41).

Considerando que as mudanças produzidas no sistema mundial e na divisão internacional do trabalho acarretam formas diversas de reprodução do capital, em diferentes momentos históricos, Osório sistematiza um método que torna possível historicizar e diferenciar estes padrões de reprodução, compreendendo as condições que tornam possível seu ascenso e declínio, bem como os momentos de transição entre um antigo padrão e um novo, que ainda não tornou-se dominante. Dentre as questões iniciais para tal intento, o autor salienta: 1) o valor de uso dominante no processo de valorização define as características do tipo de capitalismo existente (por exemplo, se é produtor de bens-primários ou se tem como eixo de acumulação a produção de bens industriais); 2) cada padrão de reprodução, com seus eixos dinâmicos de acumulação, corresponde à determinado projeto/interesse de frações da



classe dominante (capital financeiro, industrial, agrícola e comercial) e setores do capital (grande, médio e pequeno capital) no interior do bloco de poder.

A grave crise contemporânea do capital condiciona mudanças profundas no sistema mundial capitalista e abre o caminho para o declínio do padrão de industrialização dependente na América Latina, em voga na região desde os anos de 1940 até a década de 1970. Nesse contexto, tem-se a conformação de um período de transição, que se estende até meados dos anos 1980, resultando na emergência de um novo padrão de reprodução do capital, no território latinoamericano.

2. Crise estrutural, mundialização do capital e reestruturação produtiva

A crise manifestada no sistema financeiro em 2008 é parte de um processo mais amplo, irrompido ainda nos anos de 1970, caracterizado por Mészáros (2009) como crise estrutural do capital. A particularidade desta crise, em relação às anteriores do capitalismo, é seu caráter sistêmico, de amplitude global, longa duração e possuidora de um desdobramento gradual e contínuo, ao contrário das anteriores, marcadas por colapsos dramáticos.

A nova etapa de desenvolvimento do capitalismo mundial, surgida nos anos 1980, é denominada por Chesnais (1995), como “mundialização do capital”. Este “novo regime de acumulação capitalista predominantemente financeiro” é marcado por um novo e particular patamar do processo de internacionalização do capital, com características rentista e parasitária. Estas importantes transformações ocorreram em meio à derrocada da experiência socialista na URSS², que fragilizou as resistências dos trabalhadores em todo o mundo.

A hipertrofia da esfera financeira esta relacionada à sobreacumulação de capitais³ da década de 1970 e ao esgotamento do regime de acumulação fordista⁴. Nesse contexto, os lucros não reinvestidos na produção expandiram-se para a esfera financeira.

² Após longa crise por toda década de 1980, o fim oficial da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas/URSS foi decretado em dezembro de 1991, pondo fim à chamada Guerra Fria.

³ Refere-se à dificuldade do regime de acumulação capitalista em absorver de forma lucrativa os excedentes de capital, no contexto da lei tendencial da queda taxa de lucro, discutido por Marx no livro O Capital.

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Um discurso ideológico associado à financeirização da economia tem suporte na aparência de que o capital financeiro se autoproduz, em que a geração de valor novo (valorização do capital) poderia prescindir da esfera produtiva. É também Chesnais que nos esclarece, ao afirmar que:

O capital que se valoriza na esfera financeira nasceu – e continua nascendo – da esfera produtiva. (...) A esfera financeira alimenta-se da riqueza gerada pelo investimento e pela mobilização de uma força de trabalho com múltiplos níveis de qualificação. Nada cria por si só. (...) aquilo ganho por um, dentro do campo fechado do sistema financeiro, é perdido por outro. [Assim, é pressuposto, para que a ciranda financeira não perca o seu principal ‘combustível’, que] as punções e as transferências continuem ocorrendo a partir da esfera produtiva, se possível de modo ininterrupto. (1995, p.21)

Estamos diante, de fato, de mecanismos em que a esfera financeira se apropria de grandes montantes produzidos a partir da exploração concreta da força de trabalho mundial. Um exemplo desse processo que afeta diretamente os países latino-americanos é o mecanismo da dívida pública, que transfere vultosos recursos para a oligarquia financeira mundial. No Brasil, por exemplo, todo ano, quase a metade dos recursos do Orçamento Geral da União é destinada para pagar a dívida. Em 2017, o País, transferiu para os grandes bancos, mediante pagamento de juros e amortizações da Dívida Pública Federal⁵, 986 bilhões, 110 milhões e 833 mil reais, o equivalente ao pagamento de 2,7 bilhões de reais por dia. Segundo a TMD, este processo configura uma enorme transferência de mais-valia da periferia para o centro, que é compensada, internamente, através do recurso à superexploração da força de trabalho⁶.

A partir daí, o poder desta oligarquia financeira tem sido sustentado pelos Estados mais poderosos do planeta e por instituições financeiras internacionais, tais como Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial. Dessa forma, o capital buscou, com auxílio

⁴ Sistema de produção em massa implantado pelo empresário estadunidense Henry Ford, nos Estados Unidos da América, a partir da segunda década do século XX. Este sistema se caracteriza pela extrema racionalização capitalista, em inovações técnicas e organizacionais, na produção em grande escala e no consumo de massa.

⁵ Conferir em Auditoria Cidadã da Dívida: <https://auditoriacidada.org.br/entenda-os-numeros-do-dividometro-e-do-estoque-da-divida/>

⁶ Segundo Marini (2005), trata-se do processo de violação do valor da mercadoria força de trabalho, quando esta, na particularidade do capitalismo dependente, é remunerada abaixo do seu valor, de forma a não garantir as plenas condições para a reprodução social dos trabalhadores na América Latina.

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



decisivo dos Estados nacionais, todas as formas de desregulamentar sua ação pelo mundo.

Segundo Chesnais:

[...] o capital tudo fez no sentido de romper as amarras das relações sociais, leis e regulamentações dentro das quais se achava possível prendê-lo com a ilusão de poder ‘civilizá-lo’. (...) derrubou a ilusão, nascidas das conquistas anteriores, de que era possível domá-lo no âmbito dos modos de regulação nacionais (1995, p. 2)

A mundialização ocorre no quadro de revoluções na microeletrônica, na aceleração das comunicações, na redução dos preços dos transportes, nas mudanças na divisão internacional do trabalho e sob hegemonia do capital financeiro, em uma correlação de forças amplamente desfavorável para a classe trabalhadora.

O capitalismo, nos marcos da mundialização, passou por um intenso processo de reestruturação produtiva da forma de organização do trabalho. O capital incorporou conquistas técnicas obtidas na chamada “terceira revolução tecnológica” ao processo produtivo, objetivando o incremento de sua produtividade e de sua composição orgânica. No marco de intensas lutas que se espalhavam por todo o planeta, em fins da década de 1960, Antunes (2009) salienta que:

O enorme salto tecnológico, que então se iniciava, constituiu-se já numa primeira resposta do capital à confrontação aberta do mundo do trabalho, que aflorava nas lutas sociais dotadas de maior radicalidade no interior do espaço fabril. E respondia, por outro lado, às necessidades da própria concorrência intercapitalista na fase monopólica. (2009, p. 46).

Tratava-se, para o capital, de avançar sobre as conquistas e a organização dos trabalhadores, com vistas a recuperar não apenas suas taxas de lucros, mas também o pleno domínio político e cultural no mundo, no contexto de fim da Guerra Fria.

A “toyotização” do processo de trabalho se configurou como um modelo de racionalização da organização produtiva, oriundo no Japão, e que se diferencia do modelo fordista por ser uma produção muito vinculada à demanda. Segundo Harvey (1992), a chamada acumulação flexível:

[...] se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional (1992, p. 140)

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



A produção “flexível”, marca da reestruturação produtiva contemporânea, caracteriza-se pelo trabalho em equipe e polivalente, na estrutura horizontalizada com ampliação da terceirização e subcontratação, transposição de unidades fabris para outros países ou regiões, uso do *just in time*, *kanban* e os Círculos de Controle de Qualidade. (ANTUNES, 2009).

Em um contexto de desemprego estrutural, essas transformações no âmbito do trabalho aumentam o nível de sujeição dos trabalhadores frente às exigências das empresas, diante do medo iminente da perda do emprego.

3. Novo padrão exportador de especialização produtiva

É no contexto de grandes transformações da economia capitalista mundial que emerge o atual padrão de reprodução do capital na América Latina. Este novo padrão ganha forma em meados dos anos 1980 e é denominado por Osório (2012a) como padrão exportador de especialização produtiva. Em suas palavras, esse padrão se caracteriza

pelo regresso a produções seletivas, seja de bens secundários e/ou primários, seja de realocização de segmentos produtivos, novas organizações da produção, em geral qualificadas como “toyotismo”, flexibilidade laboral e precariedade, economias voltadas à exportação, drásticas reduções e segmentação do mercado interno, fortes polarizações sociais, aumento da exploração e da superexploração e níveis elevados de pobreza e indignância (OSÓRIO, 2012a, p. 85).

Ainda segundo Osório (2012b), em texto que aprofunda o entendimento sobre o novo padrão,

Fala-se em *especialização produtiva* como traço distintivo do novo padrão exportador para destacar que este tende a se apoiar em alguns eixos, sejam agrícolas, sejam mineiros, industriais (com produção e também atividades de montagem ou *maquila*) ou de serviços, sobre os quais as diversas economias regionais contam com vantagens comparativas na produção e no comércio internacional (2012b, p. 111)

Este novo padrão exportador, que emerge em meados dos anos 1980, guarda semelhanças com o antigo padrão exportador (que vigorou de meados do século XIX até a segunda década dos anos 1920), a exemplo do importante peso dos produtos agromineiros na

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
 desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
 (Auditório Central - Campus do Itaperi)



ISSN: 2446-8126

pauta de exportação. No entanto, a produção dos novos bens requer, no padrão atual, um maior grau de elaboração, ao mesmo tempo em que a este se somam bens secundários com algum nível de processamento industrial, seja de produção local, seja de montadoras/maquiladoras.

Outra importante característica do novo padrão exportador de especialização produtiva na América Latina é o intensificado processo de subordinação do setor industrial, quando não à nova dinâmica, ou até mesmo, em alguns casos, a própria destruição do parque industrial da região, transformado, em grande medida, em simples linhas de montagem, configurando o fenômeno da desindustrialização.

Em um contexto de mundialização hegemônica pelo capital financeiro, o novo padrão de reprodução do capital na região expressa os interesses desta fração das classes dominantes dentro do bloco de poder, bem como a redução do poder da fração burguesa associada ao capital industrial.

A vocação exportadora do novo padrão fica evidente quando analisamos a tabela abaixo:

Tabela 1 – Percentual do crescimento anual das exportações de bens e serviços 1994-2006⁷
 (em dólares constantes ao ano de 2000)

Mundo	7,1
Países desenvolvidos	5,9
América Latina	7,4
China	18,2

Fonte: *World Bank, World Development Report, 1995-2008*

Superadas apenas pela China, que é o carro-chefe da expansão exportadora no mundo, as exportações latino-americanas cresceram em ritmo constante e acima da média mundial, e em uma taxa bem superior a média dos países centrais.

⁷ Retirado de OSÓRIO, 2012b, p. 108.

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Essa tendência fica evidente quando consideramos o peso das exportações em relação ao PIB das economias na região, em uma série mais longa. Como demonstra a Tabela 2:

Tabela 2 – América Latina: coeficiente das exportações de bens e serviços⁸
1980-2007
(percentuais do PIB a preços constantes)

1980	10,3*
1985	12,9
1990	15,3
1995	15,2*
2000	19,9
2004	21,9
2005	22,6
2006	22,9
2007	23

*Cepal, *Anuário estadístico de América Latina y el Caribe 1999* (cifras em dólares a preços de 1990)

**Cepal, *Anuário estadístico de América Latina y el Caribe 2008* (com base em cifras em dólares a preços de 2000)

O capital estrangeiro é o principal agente de reestruturação da economia das regiões dependentes no mundo, a partir dos 1990. Segundo Osório (2012b), o investimento externo direto (IED) nessas regiões saltou de 14,9%, em 1990, para 37,8% do total mundial, em 1996. A América Latina, neste período, é a região do mundo em que estes investimentos mais cresceram, em termos relativos, ficando atrás apenas da Ásia, quando se considera os números absolutos.

O Brasil, na região latino-americana, é o país que mais se destaca, com larga vantagem, na atração de recursos estrangeiros, passando de 989 milhões de dólares em IED,

⁸ Retirado de OSÓRIO, 2012b, p. 107.

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



para mais de 45 bilhões de dólares, em 2008. A privatização de empresas públicas, bem como as políticas neoliberais, tem sido um dos principais fatores do aumento do IED na região, bem como do fortalecimento de grandes grupos monopolistas de capital privado nacional.

A tabela a seguir mostra os setores de atuação do capital privado nacional, estrangeiro e as grandes estatais, na região:

Tabela 3 – América Latina: as quinhentas maiores empresas locais e transnacionais, em 2006, por vendas e setores de atividade econômica⁹

(em %)

	Privadas locais	Estatais	Transnacionais
Primário			
Mineração	19	51	30
Petróleo/gás	10	80	10
Manufatureiras			
Automobilística/peças	7	-	93
Eletrônica	23	-	77
Agroindústria/alimentos	63	-	37
Serviços*			
Telecomunicações	53	1	46
Energia elétrica	21	53	26
Comércio	70	-	30

Fonte: Cepal, *La inversión extranjera en América Latina y el Caribe 2007*

*Não estão incluídos os serviços financeiros, atividades em que o capital estrangeiro tem peso predominante

⁹ Retirado de OSÓRIO, 2012b, p. 110.

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



É possível verificar que as principais pautas de exportação concentram-se nos setores primário e manufatureiro, com predomínio do grande capital estrangeiro e da atuação de gigantescas empresas estatais, com exceção da agroindústria e indústrias alimentícias, controladas, majoritariamente, por grandes grupos privados locais. Ou seja, a América Latina continua sendo uma grande fornecedora de matérias-primas e gêneros alimentícios para o mercado internacional, mas também de produtos como bens agrícolas, petróleo, minerais e mercadorias oriundas das atividades de montagem, como automóveis e eletroeletrônicos. As atividades orientadas, em especial, para o reduzido e concentrado mercado interno ficam a cargo, em grande parte, dos capitais privados locais, que comandam o comércio e as telecomunicações, com exceção da produção e distribuição de energia elétrica, ainda majoritariamente estatal.

Segundo Osório (2012b)

A especialização produtiva exportadora encontra-se associada a uma espécie de reedição, sob novas condições, de novos enclaves, à medida que um número reduzido de atividades, geralmente muito limitadas e que concentram o dinamismo da produção, operam sem estabelecer relações orgânicas com o restante da estrutura produtiva local, ao demandar prioritariamente do exterior equipamentos, bens intermediários e, em alguns casos, até matérias-primas, para não falar da tecnologia e do design, sendo os salários e impostos o aporte fundamental à dinâmica da economia local (p. 113).

O padrão atual, portanto, aprofunda a subordinação da América Latina ao mercado mundial, ao estabelecer as exportações como eixo dinâmico econômico, sob direção do grande capital transnacional, acrescido de um reduzido e excludente, mas poderoso, mercado interno de consumo, reedita, em novas bases, as velhas estruturas da dependência, como modalidade particular do capitalismo latino-americano, já analisadas por Marini. A soberania nacional, que sempre foi desigualmente distribuída no sistema mundial capitalista, debilita-se ainda mais nos países dependentes, em tempos de cadeias produtivas globais e mundialização do capital. Essa expansão das exportações latino-americanas esteve alicerçada, em grande medida, na crescente demanda mundial pelos valores de uso produzidos na região, a partir do crescimento econômico de mercados emergentes, em especial da China.

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

ISSN: 2446-8126

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)



A alta dos preços das commodities e dos bens manufaturados, resultantes dessa demanda mundial em expansão, possibilitou, na década de 2000, e em resposta à luta de classes na América Latina, políticas sociais que mitigaram, em maior ou menos grau, a pobreza e a miséria na região, implementadas por governos alinhados a diferentes projetos políticos, uns de viés radical no enfrentamento à agenda neoliberal, como as experiências da Venezuela e Bolívia, e outros que buscavam agir moderadamente para atenuar as “falhas do mercado”, como a experiência social-liberal dos governos do PT, no Brasil.

Analisando a tabela 4, podemos identificar os principais mercados consumidores dos valores de uso produzidos na América Latina:

Tabela 4 – Mercados das exportações: 2000 e 2007¹⁰

(em % do total de exportações)

	AL e Caribe	China	Ásia / Pacífico	Estados Unidos	União Europeia
AL e Caribe	16-18	1-6	6-12	60-42	12-15
Argentina	48-39	3-10	8-16	12-18	18-19
Brasil	25-25	2-10	12-18	24-15	28-24
Chile	22-16	5-15	29-36	18-13	25-24
Colômbia	29-36	0-3	3-6	51-31	14-18
México	3-6	0-1	1-3	89-78	3-6

Fonte: Cepal, *Panorama de la inserción internacional de América Latina y el Caribe 2007*.

De acordo com os dados da Cepal, é possível observar o grande crescimento, na década de 2000, das relações comerciais entre América Latina e Ásia, particularmente com a China, e uma tendência a queda nas exportações para os Estados Unidos, ainda que este país tenha permanecido como o principal mercado consumidor dos produtos latino-americanos.

¹⁰ Retirado de OSÓRIO, 2012b, p. 121.

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Destaca-se, ainda, o Brasil com o maior aumento relativo (quintuplicou) nas exportações para a China, bem como um equilíbrio nas relações com os demais mercados, e uma autonomia relativa em relação aos Estados Unidos, com reflexo, certamente, na política externa dos governos do PT, na medida em que se tentou uma maior integração Sul-Sul, tema que será retomado no próximo capítulo. No outro oposto, merece menção, também, o caso mexicano, com um grau elevando de dependência em relação a um único mercado, o dos Estados Unidos.

4. A crise de 2008 no contexto do novo padrão de reprodução do capital na América Latina

A crise de 2008, irrompida nos Estados Unidos, maior potência imperialista, e logo generalizada para o sistema mundial capitalista, retraiu a demanda internacional e provocou a queda dos preços dos bens exportados pela América Latina, atingindo de forma diferenciada os países da região, conforme o seu grau de dependência em relação aos principais centros imperialistas.

Enquanto países como o México, por exemplo, sofreram de forma imediata as consequências da crise econômica, dado sua estreita relação de dependência com os EUA, conforme se pode observar na tabela 4, o Brasil pôde contornar, nos primeiros anos, seus efeitos mais deletérios, dada a diversidade de mercados consumidores para os quais se dirigiam sua exportações, a ponto do ex-presidente Lula afirmar que a crise de 2008 “se chegar ao Brasil, será uma marolinha”¹¹.

A crise, no entanto, se generalizou e atingiu a Europa e a Ásia, a partir de 2010/2011, diminuindo a demanda de bens importados da América Latina. De fato, o que parecia, inicialmente, uma “marolinha”, logo se tornou onda violenta no Brasil, a partir de 2012. Em

¹¹ Disponível em: [Lula: crise é tsunami nos EUA e, se chegar ao Brasil, será 'marolinha' https://oglobo.globo.com/economia/lula-crise-tsunami-nos-eua-se-chegar-ao-brasil-sera-marolinha-3827410](https://oglobo.globo.com/economia/lula-crise-tsunami-nos-eua-se-chegar-ao-brasil-sera-marolinha-3827410)

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



terras brasileiras, a crise causou impactos econômicos e sociais que se fariam sentir na segunda metade do primeiro governo de Dilma Rousseff (2011-2014).

Osório (2012b) nos chama atenção para o fato de que o avanço vertiginoso das exportações latino-americanas, que caracteriza o novo padrão de reprodução, não se reflete em melhorias para a grande maioria da população da região, mas ao contrário, é crescente o nível de precarização das condições de vida e de trabalho na América Latina. E isso não se dá, como já alertava Ruy Mauro Marini, por “insuficiências na modernização” ou por “resquícios pré-capitalistas” na região, mas sim pela própria dinâmica interna da reprodução do capital em situações de dependência. Em outras palavras, o aumento da degradação das condições laborais e de vida da classe trabalhadora é resultado do pleno amadurecimento do capitalismo dependente latino-americano. A análise da tabela 5 ilustra esse fenômeno:

Tabela 5 – Participação dos salários no PIB a custo de fatores 1970-2004¹²

(em %)

	Argentina	Brasil	Chile	Colômbia	México
1970	45,8	40,7	47,8	42,2	37,5
1975	40,4	36,6	45,3	41	40,4
1980	30,8	38,4	43,3	46,2	39
1985	29,6	42,5	42,4	45,3	31,6
1990	29,6	53,5	38,7	41,4	32,3
1995	36,8	45,3	40,9	38,7	34
2000	31,9	45,2	46,5	37,8	34,5
2004	23,9	42,9	44,2	35,7	33,6

Diferença em percentuais	
--------------------------	--

¹² Retirado de OSÓRIO, 2012b, p. 128.

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



entre ano mais alto e 2004	47,8	19,8	7,5	22,7	16,8
----------------------------------	------	------	-----	------	------

Fonte: Elaborado com dados do Anuario de La Cepal 2007

Observa-se, desse modo, o paradoxo referente ao fato de que no mesmo período em que acontece a rápida expansão das exportações latino-americanas, ocorre a diminuição da participação dos salários no PIB, demonstrando a pouca importância destes na dinâmica das economias dependentes.

5. Considerações finais: novo padrão de reprodução do capital e aumento da precarização e superexploração da força de trabalho

Apesar dos importantes avanços sociais, um dos principais limites dos chamados “governos progressistas” como, por exemplo, Hugo Chavez, na Venezuela, Evo Morales, na Bolívia e Rafael Correa, no Equador, foi o fato das significativas reformas e políticas públicas estarem condicionadas ao crescimento econômico, via exportações de combustíveis fósseis e matérias-primas agrícolas e minerais. Em outras palavras, estes governos, ao darem continuidade ao padrão exportador de especialização produtiva, não romperam com a dependência estrutural que caracteriza a região latino-americana e ficaram a mercê das flutuações da economia mundial. O aprofundamento da crise de 2008, com a queda dos preços das *commodities*, estabeleceu impasses dramáticos para a continuidade de tais experiências na região.

O novo padrão exportador de especialização produtiva, em sua lógica interna de funcionamento, produz a tendência à precarização da vida e das relações de trabalho, a partir de dois elementos: 1) o fato de que os valores de uso que se constituem nos eixos dinâmicos da produção na América Latina estarem direcionados, em grande parte, para o mercado mundial. Ou seja, os assalariados locais pouco contribuem para a realização das mercadorias

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



dos setores mais importantes da economia, importando mais como produtores do que como consumidores, o que favorece a existência de uma estrutura produtiva dinâmica divorciada das necessidades da maioria da população. Essa tendência, já apontada por Marini, leva, invariavelmente, à ruptura do ciclo do capital no capitalismo dependente; 2) a deterioração dos salários locais e a diminuição do custo do trabalho constitui uma vantagem comparativa que os capitais que operam em nações dependentes se utilizam na concorrência internacional, ainda mais quando se leva em consideração o aumento do nível de escolaridade dos trabalhadores na região, o que possibilita a produção de bens mais complexos a custos mais baixos (OSÓRIO, 2012b).

É a luz destas características que é possível compreender, inclusive, a recente implementação da Contrarreforma Trabalhista no Brasil, durante o governo ilegítimo de Michel Temer. Concernente ao novo padrão exportador de especialização produtiva, sustentado pelo investimento externo direto (IED), nos marcos da mundialização do capital, a Contrarreforma Trabalhista tem como objetivo reduzir custos e baratear a força de trabalho, a fim de disputar, em melhores condições, a atração, para o país, do capital internacional. Portanto, a destruição, em curso, da legislação protetora do trabalho configura-se como um mecanismo a intensificar a dependência estrutural do Brasil, na subordinação ao capital mundializado.

Diante disto, Osório afirma que:

Uma ofensiva brutal do capital sobre o fundo de consumo dos trabalhadores, convertidos agora em fundos de acumulação, é o que sustenta o atual padrão exportador na América Latina. Não há campo da vida laboral e social do mundo dos trabalhadores em que não se apresente a devastação alcançada pelo novo padrão exportador em andamento (2012b, p. 129).

Esta devastação social que expressa na queda da importância dos salários na riqueza nacional, no aumento da pobreza relativa e da concentração de renda, fundamenta o novo padrão de reprodução do capital na América Latina e traz novos elementos para o entendimento da superexploração da força de trabalho, no limiar do século XXI.

Referências

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



ANTUNES, R.. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

CHESNAIS, F. A globalização e o curso do capitalismo de fim-de-século. **Economia e Sociedade** – Revista do Instituto de Economia da Unicamp, Campinas, n. 5, p 1-30, Dezembro de 1995.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

MARINI, R.M. **Dialética da Dependência**. In: TRASPADINI, R. e STEDILE, J.P. (orgs) Ruy Mauro Marini – Vida e Obra. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005. 137-180p.

MÉSZÁROS, I.. **Crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2009.

OSÓRIO, J.. Padrão de reprodução do capital: uma proposta teórica. In: FERREIRA, C.; OSORIO, J.; LUCE, M. S. (orgs.) **Padrão de reprodução do capital**. São Paulo: Boitempo, 2012a.

_____. América Latina: o novo padrão exportador de especialização produtiva. In: FERREIRA, C.; OSORIO, J.; LUCE, M. S. (orgs.) **Padrão de reprodução do capital**. São Paulo: Boitempo, 2012b.